



Derradeira Liberdade

Lauro Elme

Conto de terror classificado em segundo lugar no Concurso Internacional da Cidade de Palmela, Portugal. Categoria adulto. Tema do concurso: Liberdade.

Todos os direitos reservados.

Derradeira Liberdade.

Lauro Elme

Uma carta da primeira guerra.

Agosto de 1917.

... Pai meu, mãe querida, devo despedir-me. Escrevo atrás da carta que tu mandastes, com um lápis que encontrei no bolso de um soldado morto. Eu também estou morto. Uma bomba inimiga explodiu perto de mim e com o choque deitei-me inconsciente por muito tempo. Fui dado como morto por meus pares. Jogaram-me numa pilha de cadáveres, muito distante da nossa base. Acordei sem sentir meu corpo e só posso mover o braço direito. Alguém arrancou de meu pescoço a placa de identificação. A mesma que o senhor, meu pai, receberá com os agradecimentos do exército por enviar seu jovem filho para o inferno. Por isso estou morto. Ninguém virá em resgate. Meu breve destino é apodrecer nesta pilha de soldados mortos.

... Ignoro há quanto tempo estou aqui. Não consigo gritar por socorro, com certeza por causa da explosão. Ainda que gritasse, ninguém ouviria minha voz por sobre os tiros e explosões que parecem não ter fim. Não sinto dores, apenas um vazio. Acho que assim é a morte, um enorme vazio sem fim. Assim também deve ser a liberdade. Tu não podes imaginar, mãe adorada, o que o homem é capaz de fazer ao homem. Deito-me sobre cadáveres que aqui estão há mais de um mês, alguns eu ajudei a trazer. Meu uniforme está manchado do sangue de muitos companheiros, além do meu próprio. Há piolhos, vermes e ratos, muitos ratos. O cheiro da podridão toma o ar. Os homens que fazem a guerra em seus gabinetes, deveriam sentir este cheiro. Deveriam deitar ao meu lado, neste leito de seres humanos apodrecidos.

... Acordei com ratos andando sobre o meu rosto, tentavam comer meus olhos. É assim que fazem. Primeiro comem olhos, a parte mais macia dos cadáveres, depois entram e devoram os soldados de dentro

para fora. É impressionante ver como esticam seus corpos para entrar pelos olhos e pela boca. Vi o ventre de um cadáver inchar como a de uma mulher grávida, então a pele fina e apodrecida rompeu-se deixando sair o som sibilante de gases. Pela abertura, surgiram dezenas de ratos gordos e saciados. Sei que isso acontecerá comigo também, não conseguirei afastá-los por muito tempo. Mas não deixarei que me comam os olhos.

... No acampamento nosso segundo inimigo eram os piolhos. Passávamos horas tentando, em vão, tirá-los das roupas. Tínhamos o corpo todo ferido pela violência com que nos coçávamos na tentativa de conseguir algum alívio. Muitas vezes usávamos a baioneta para coçar a cabeça. Eu preferia enfrentar o exército alemão ao exército invisível das pragas que habitavam as trincheiras. Tínhamos ratos também, mas eram em menor número e fáceis de matar, pelo tamanho. Raramente nos atacavam, sua preferência eram por nossas provisões. Aqui, no entanto, neste cemitério, os ratos proliferam à vontade. Não possuem inimigos, a não ser eles mesmos. Às vezes brigam entre si com uma violência só comparada à dos homens. Ao final, o derrotado é devorado pelo vencedor. São como nós.

... Consegui erguer um pouco a cabeça e, com o canto dos olhos posso ver dois ratos comendo meu pé esquerdo, ferido na explosão. Não posso senti-los, mas também não consigo afastá-los. Gostaria de conseguir apoio para me arrastar para fora desta pilha de cadáveres. Sei que meu sangue quente logo atrairá outros ratos. Serei devorado vivo e não posso evitar isso. Escrevo sobre o peito, por isso não sei se entenderão minhas palavras, porque não posso ver o que escrevo, o que posso fazer é continuar escrevendo, pois isso me faz pensar no senhor, meu bondoso pai e na senhora, minha mãe. Posso ver nossa casa de porta e janelas azuis, posso sentir o cheiro do café e até ouvir os latidos do Faísca no quintal.

... Perdão meu querido pai, minha amada mãe, se algum dia os fiz chorar, se algum dia fui áspero e teimoso, como o são os jovens.

... Agora outros juntam-se aos dois que devoravam-me os pés. Toda minha perna esquerda está agora tomada por ratos. Rasgam minhas roupas para chegar à carne. Não quero pensar na agonia que passarei quando chegarem à minha cintura, meu tórax, meu rosto. Parece que escrever é uma forma de adiar o inevitável. É como se, enquanto eu não escrever, o fato não acontecerá. No acampamento, chamavam-me jornalista, pela facilidade que tenho com as palavras. Soldados e oficiais pediam-me para escrever cartas para suas esposas, namoradas e mães. Hoje escrevo a vocês meus pais, a carta derradeira de minha vida.

... Desculpe se a ofendo minha mãe, mas deitado sobre esses soldados mortos, alguns tão jovens quanto eu, é difícil acreditar que exista um Deus. Se existe, certamente abandonou-me, enojado de ver a crueldade humana.

... Há pouco encontrei um capacete ao meu lado e atirei em direção aos ratos que devoram minha perna. Assustaram-se, não estão acostumados a ver sua presa reagir. Porém, logo voltaram. A fome supera

o medo. Quando não puder mais escrever, colocarei a carta em minha boca, na esperança que algum soldado a encontre, quando vierem jogar os novos soldados abatidos neste cemitério a céu aberto. Os corpos são abandonados aqui porque os soldados não têm força ou tempo de cavarem covas. Não são jogados no rio porque poluiriam a água que bebem, nem queimados para não revelar a posição ao inimigo. Por isso apodreço nesta pilha macabra, deitado de costas e olhando para um maravilhoso céu azul como o céu do meu país.

... Confesso que tenho medo mãe. Os ratos chegaram à minha cintura e começam a atacar meu ventre sem que consiga afastá-los. Tenho medo, mãe. Queria estar agora com a cabeça em seu colo, como ficava quando doente em criança. Qualquer remédio amargo ou dor pareciam sumir quando ficava assim, ouvindo suas canções e sentido seu carinho. Seria mais fácil enfrentar este destino ouvindo suas canções uma última vez, amada mãe.

... Já abriram um buraco, os selvagens, posso vê-los lutando para chegarem às minhas entranhas. Não posso evitar, impotente que estou. Não existe esperança. Estou preso a esta podridão, apodrecendo em vida. Deliro, com frio, com fome e sede. Ratos passam ao meu lado com pedaços do meu corpo dentro de seus ventres gordos e peludos. Tenho medo, tenho medo. Adeus pai amado, Adeus minha mãe adorada. Peço para morrer logo. Peço para alcançar em breve minha derradeira liberdade.

... Obrigado querida mãe, começo a ouvir sua voz, sua canção.
